Apremavi

Aves de Atalanta

volume I - 2023

Ficha técnica

Aves de Atalanta - volume 1, 2023
Coleção Biodiversidade da Mata Atlântica

Organização
Vitor Lauro Zanelatto e Carolina Schäffer

Estudo técnico
Gustavo Malacco

Revisão
Carolina Schäffer e Thamara Santos de Almeida

Projeto gráfico e diagramação
Carolina Schäffer

Fotos
Arquivo Apremavi, Gustavo Malacco, Wigold B. Schäffer

"Aves de Atalanta - Volume I - Coleção Biodiversidade da Mata Atlântica" © 2023 pela Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida - Apremavi está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Pode ser distribuído, remixado, adaptado e construído em qualquer meio ou formato, apenas para fins não comerciais. Se outros modificarem ou adaptarem o material, eles devem licenciar o material modificado sob os mesmos termos.

Foto: Wigold B. Schäffer

Aves de Atalanta, um guia para observação

A publicação "Aves de Atalanta", volume 1, faz parte da Coleção Biodiversidade da Mata Atlântica que pretende trazer informações sobre espécies de fauna, flora e funga encontradas num dos Biomas mais ricos em biodiversidade do mundo e também o segundo mais ameaçado de extinção.

Foi elaborada em formato de guia a partir de um levantamento de avifauna conduzido por especialistas, e traz imagens e dados sobre as espécies; incluindo nome comum e científico, ordem e família, local de ocorrência, hábitos alimentares, tamanho médio, status de conservação e outras curiosidades.

A obra foi pensada para incentivar a prática da observação de aves no Município de Atalanta (SC) e para ajudar todos os observadores, iniciantes ou mais experientes, a descobrirem a riqueza e a beleza do universo das aves.

Sob uma perspectiva educativa, este material também pode ser usado como instrumento de suporte pedagógico e de sensibilização ambiental, procurando transformar os cidadãos em participantes ativos na proteção desses animais.

O lançamento da versão digital deste guia se dá no mesmo dia em que se comemora o Dia da Ave, data instituída pelo Decreto 63.234 da Presidência da República, de 12 de setembro de 1968. O decreto foi sancionado com o propósito de proteger as aves contra os caçadores.

55 anos depois, a premissa do decreto continua a mesma; que o Dia da Ave, comemorado no dia 05 de outubro, possa nos ajudar a lembrar da importância da conservação desses indivíduos para a manutenção dos ecossistemas da Mata Atlântica e sua rica biodiversidade.

Boa leitura e boa observação de aves!

Um abraço da Diretoria da Apremavi

A técnica utilizada para a observação das aves deste guia

O pesquisador Gustavo Malacco, especialista em avifauna, esteve em Atalanta (SC) em dezembro de 2021, estação chuvosa, e amostrou 6 áreas (imagens 1 a 6). A amostragem permitiu a coleta de dados em diferentes ambientes do município, sejam naturais ou antrópicos. Em todos os locais ou em áreas próximas, a Apremavi atuou com iniciativas de restauração.

Para verificar a ocorrência das aves, a técnica utilizada foi o "*playback*", que consiste na reprodução de um som por poucos minutos, e com intervalos entre as repetições, para atrair as aves. Cada som resulta em respostas diferentes. Importante enfatizer que para o registro, deve-se conhecer os contextos das vocalizações para escolher os sons adequados. Evita-se o *playback* na época reprodutiva, durante a demarcação territorial e quando há indicativos de ninhos e filhotes por perto.

Dicas para observar aves

A observação de aves é uma das atividades que mais cresce no mundo. Além de promover o turismo responsável, ligado à conservação das espécies em seu ambiente natural, fomentar atividades de educação ambiental, também proporciona a geração de renda para as comunidades locais.

Ela também é um convite para você explorar a natureza com calma e enxergar a biodiversidade contida nela. Portanto, para você se tornar um observador de aves queremos te dar algumas dicas.

É importante saber que, na Mata Atlântica, é provável que você ouça as aves muito antes de vê-las, por isso, a primeira dica quando você estiver na natureza é estar atento aos sons. Ouça com atenção e tente aprender a diferenciar o canto das aves. Além disso, tente identificar daonde estão vindo os sons, buscando assim fazer o primeiro contato visual com elas.

Cuidados especiais:

- Não grite, fale alto ou faça movimentos bruscos; isso assusta as aves e dificulta a observação.
- Use roupas com tons neutros; trajes extravagantes podem acabar chamando a atenção das aves e assustá-las.
- Fique longe dos ninhos; quando o ninho ainda está em fase de ovos, mexer neles sem necessidade pode comprometer o processo de evolução.
- Não leve seu animal de estimação quando for observar aves; ele pode transmitir ou contrair doenças e ainda perturbar o ambiente.
- Não fume; o odor afugenta as aves.
- Equipamentos como binóculos, playbacks e câmeras fotográficas são aliados da observação; mas não se esqueça que para ter sucesso você precisa sobretudo dos seus olhos e sentir amor pelas aves.

Uma dica importante:

- Aproveite as horas vagas para folhear esta publicação, examinando as fotos e os detalhes de cada ave, assim será mais fácil reconhecê-las em campo.

Foto: Wigold B. Schäffer

Ajude a proteger as aves

1. Não tenha aves silvestres em gaiolas, nem estimule sua captura e comercialização.
2. Preserve o ambiente em áreas verdes próximas de onde você vive. Respeite a vegetação nativa.
3. Ajude a restaurar a Mata Atlântica: plantar árvores proporciona habitat, frutos ou flores que servem de alimento para as aves.

Os passarinhos enfeitam os jardins e as florestas
São iguais às melodias, vivem n'alma dos poetas

Canção Obras de Poeta, Chitãozinho & Xororó

Foto: Wigold B. Schäffer

A Apremavi

A Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida (Apremavi) é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, sem fins lucrativos, criada em 09 de julho de 1987 com a missão de defender, preservar e recuperar o meio ambiente e os valores culturais, buscando a sustentabilidade em todas as dimensões e a melhoria da qualidade de vida na Mata Atlântica e outros biomas. Sua sede está em Atalanta (SC), junto a um amplo Centro Ambiental e um Viveiro de mudas de árvores nativas.

O Viveiro Jardim das Florestas é o carro-chefe da Apremavi, com capacidade para produzir cerca de um milhão de mudas por ano, de 200 diferentes espécies. As mudas produzidas no Viveiro são usadas nos projetos de restauração que a Apremavi desenvolve, doadas para centros de ensino e movimentos sociais, além de serem vendidas, a partir da produção excedente. As ações de plantio do projetos são desenvolvidas em áreas públicas e privadas de Santa Catarina, do Paraná e de São Paulo.

A Apremavi tem empregado esforços para incluir em suas iniciativas de restauração ecológica indicadores de monitoramento da biodiversidade. O estudo que embasa a presente publicação, e que foi desenvolvido em áreas restauradas nas últimas décadas através do plantio de mudas nativas, foi uma das primeiras experiências de monitoramento de fauna e verificação do potencial de indicadores dessa natureza nas áreas restauradas.

Recentemente, a Apremavi também incorporou em seu protocolo de monitoramento de áreas em processo de restauração ecológica indicadores de biodiversidade e com isso pretende ter ainda mais clareza do sucesso dos projetos que desenvolve.

Estes resultados contribuem para metas nacionais e internacionais de restauração e de diversidade biológica, e são propulsores da Década da Restauração (2020-2030).

Foto: Wigold B. Schäffer

Conservação e restauração: aliadas na proteção da biodiversidade

Presente em 17 estados, hoje restam somente 24% da floresta que existia originalmente na área de abrangência da Mata Atlântica, sendo que apenas 12,4% são florestas maduras e bem preservadas.

Mesmo reduzido e muito fragmentado, o Bioma contribui bastante para que o Brasil seja um dos campeões em biodiversidade no mundo. Por exemplo, só a Mata Atlântica abriga 891 espécies de aves, sendo 84 endêmicas. A existência de espécies endêmicas, que ocorrem exclusivamente em um determinado ecossistema - normalmente super fragmentado com relação à sua área original, é o principal critério utilizado para escolher um *hotspot*, como é o caso da Mata Atlântica.

Apesar do alto grau de endemismo, as espécies da Mata Atlântica seguem sendo grandes vítimas da perda e fragmentação de habitat e também do tráfico e aprisionamento de animais. Segundo as estimativas, em cada 10 animais traficados, apenas um resiste às pressões da captura e cativeiro.

Reverter o processo de perdas populacionais, com o combate ao tráfico e o aprisionamento e com ações de conservação dos remanescentes florestais e restauração dos ecossistemas degradados é imprescindível para a manutenção da fauna e melhora do status de ameaça de qualquer grupo de animais.

A restauração de ecossistemas também é fundamental para a mitigação dos efeitos da crise climática. Iniciativas nacionais e globais já apontam a Mata Atlântica como uma das prioridades mundiais para restauração florestal, combinando sequestro de carbono e proteção da biodiversidade e da água.

Por isso, e por ser uma parceira oficial da Década de Restauração dos Ecossistemas da ONU, a Apremavi promove uma série de iniciativas que visam recuperar os ecossistemas da Mata Atlântica, conservar os remanescentes florestais e garantir a existência das espécies da fauna, flora e funga.

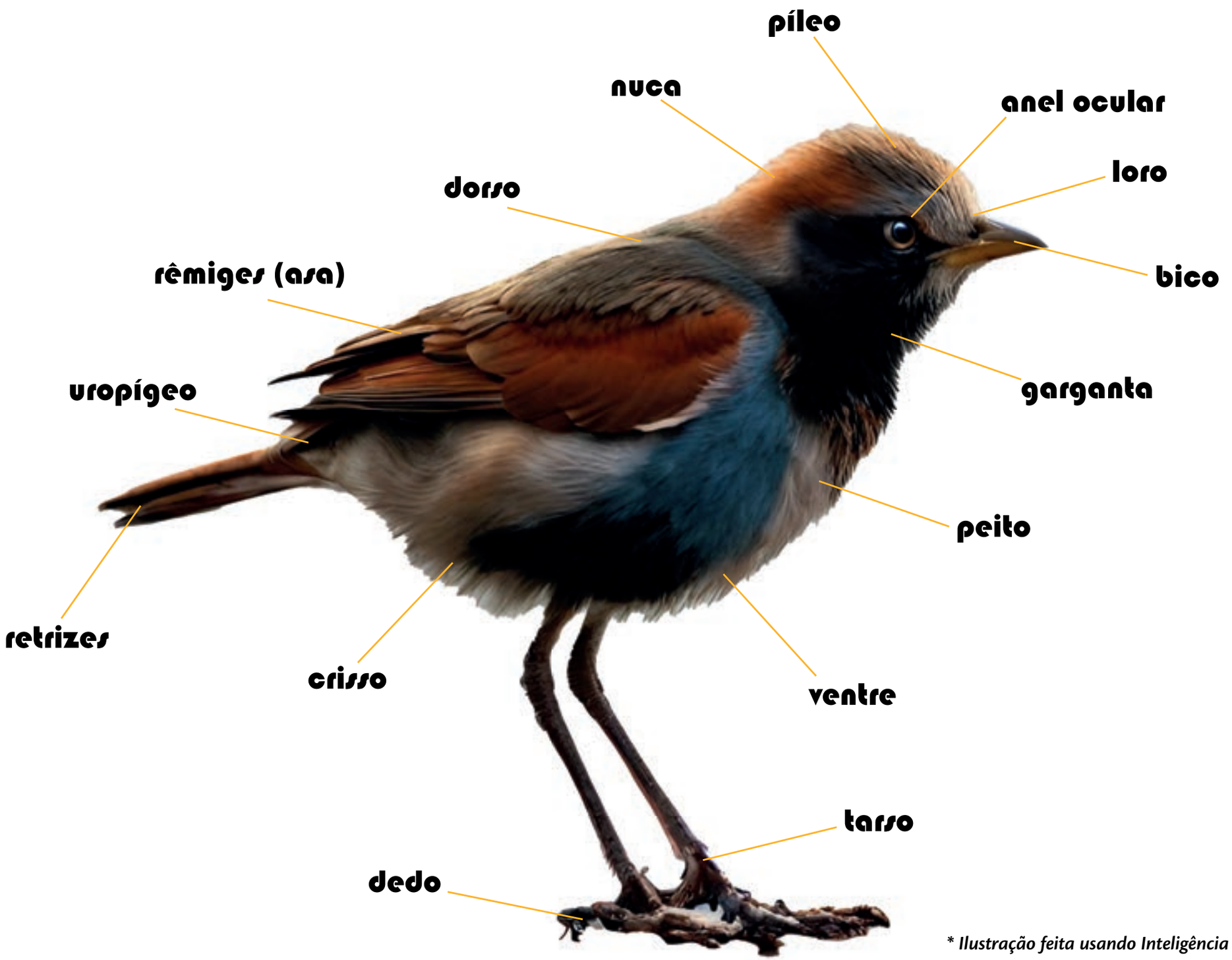
Wigold Bertoldo Schäffer
Co-fundador e Conselheiro da Apremavi

Foto: Wigold B. Schäffer

"A ordem das árvores não altera o passarinho"

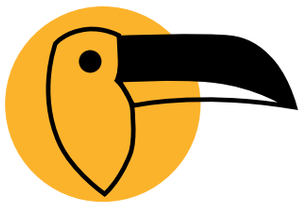
Canção Ordem das Árvores, Tulipa Ruiz

Morfologia básica das aves

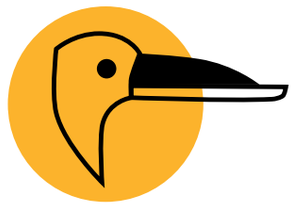


** Ilustração feita usando Inteligência Artificial.*

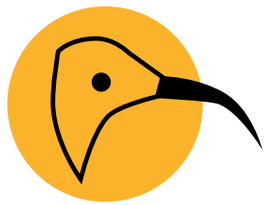
Bico: uma importante ferramenta



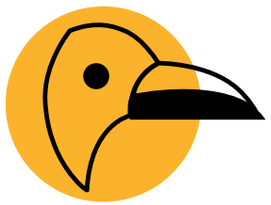
Comer frutos



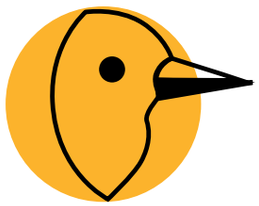
Pescar na superfície



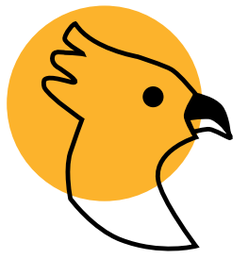
Alimentar-se de nectar



Comer de tudo

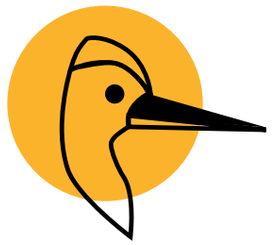


Capturar insetos



Dilacerar presas

Retirar invertebrados do lodo



Talhar madeira

Capturar peixes amplamente

Quebrar grãos

Originado por um um complexo processo de perda de dentes nos ancestrais das aves, o bico pode apresentar diversas morfologias, servindo as demandas de cada espécie para sobreviver no ambiente.

Para os pica-paus, por exemplo, a “ferramenta” serve para abrir cavidades em troncos de árvores. Já outras espécies podem apresentar bicos curvos, com a ponta extremamente afiada, uma morfologia propícia para realizar a pressão necessária para quebrar frutos e sementes com cascas bastante duras. As aves que se alimentam de peixes possuem bicos em forma de lança. já as que comem invertebrados aquáticos, têm bicos compridos e finos, perfeitos para revirar o lodo.

Há diversos formatos, curvaturas e arranjos do bico, resultado de milhares de anos de adaptação.

Os bicos deixam pistas sobre os hábitos e a distribuição das aves, permitindo inferências sobre hábitos, comportamentos e relações ecológicas que elas estabelecem, já que sua morfologia é resultado de um conjunto de fatores, incluindo dieta, estratégia de captura do alimento e tipo do ambiente que ocupam.

Confira algumas conformações que o bico pode apresentar, a partir de diferenciações na estrutura óssea formada pelo maxilar e/ou pela mandíbula, coberta com uma camada de queratina, denominada ranfoteca.

Vocalização

A vocalização das aves é uma forma fascinante de comunicação no reino animal. A impressão que causam normalmente é tão boa, que é comum encontrar no cancioneiro brasileiro, muitas menções sobre o canto das aves.

Conhecidas por sua capacidade de produzir uma ampla variedade de sons, desde melodias ritmadas até chamados agudos e estridentes. Essa habilidade de vocalização desempenha papéis cruciais em diferentes aspectos da vida das aves, desde a reprodução até a sobrevivência no ambiente selvagem.

- **Comunicação entre casais:** o canto das aves desempenha um papel fundamental na seleção de parceiros. Os machos muitas vezes utilizam suas vocalizações para atrair as fêmeas, demonstrando sua vitalidade e aptidão genética. As fêmeas, por sua vez, podem responder aos cantos dos machos como uma forma de aceitação ou rejeição.
- **Defesa do território:** muitas espécies de aves são territoriais e usam seus cantos para estabelecer e manter seus territórios. Esses sons funcionam como um aviso para indíviduos que estão entrando em território alheio.
- **Atração de presas**: algumas aves, como as corujas, usam vocalizações para atrair presas. Emitindo sons que imitam presas em apuros, essas aves conseguem atrair animais pequenos, como roedores, que caem em sua emboscada.
- **Comunicação durante a reprodução**: durante o período de reprodução, as aves frequentemente intensificam suas vocalizações. Isso inclui o canto dos machos para atrair fêmeas e também a comunicação entre parceiros que estão construindo ninhos, chocando ovos ou cuidando dos filhotes recém-nascidos.

É importante notar que a vocalização das aves não se limita apenas ao canto. Algumas aves, como papagaios e corvos, são capazes de imitar uma variedade de sons, incluindo palavras humanas. Isso demonstra a incrível flexibilidade e adaptabilidade do sistema vocal das aves.

Em suma, a vocalização das aves desempenha um papel crucial em sua sobrevivência e reprodução.

Penas e cores

A característica que mais chama a atenção nas aves é a pena.

A composição de queratina torna as penas resistentes e flexíveis para manobras rápidas durante o voo. Diferentes penas desempenham funções diversas em cada parte do corpo.

As penas de voo se concentram na cauda e nas asas. As penas da asa (rêmiges) são firmes e longas, com eixo central mais próximo a uma das bordas, conferindo maior aerodinâmica. As penas da cauda (retrizes) também são firmes e normalmente alongadas, mas com o eixo da pena (raque) no exato centro para o equilíbrio de voo. Em algumas aves, como arapaçus e pica-paus, as penas da cauda possuem adaptações para escalada, com pontas mais afiladas e raque reforçada e com gancho na ponta. As penas corporais (plumas) são geralmente curtas e maleáveis. Uma maior densidade de plumas também protege as aves de grandes impactos. As plumas possuem base emplumada e mantêm a temperatura do corpo.

Algumas aves possuem penas adaptadas, como cerdas e penas ornamentais. Geralmente próximas ao bico, as cerdas auxiliam a percepção de movimento e captura da presa. Já as penas ornamentais, como penas filamentosas do tipo egretta nas garças, têm papel importante na reprodução

Pigmentos como melanina, carotenóides e porfirinas são os responsáveis pela coloração das aves. Os pigmentos podem ser obtidos por meio da alimentação e/ou são produzidos pelo próprio organismo. A luz tem relevante contribuição na coloração das aves, uma vez que sua incidência sobre as penas, combinada com a pigmentação, revela e acentua tonalidades. O clima também é outro fator que colabora com a abundância das cores.

Indivíduos escuros são muitas vezes encontrados em ambientes úmidos e quentes; os de cores pálidas, em locais secos; e os mais claros, em lugares frios, mas claro que isso não é uma regra. Existem exceções ditadas por outros aspectos evolutivos, mas tudo indica que é o hábitat que tem forte influência sobre a cor das penas.

Carcará é malvado, é valentão
É a águia de lá do meu sertão

Canção Carcará, João do Vale

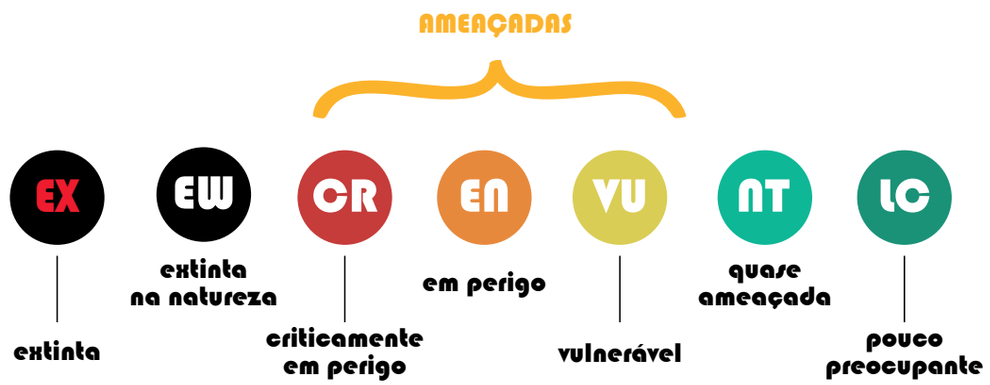
Foto: Wigold B. Schäffer

Símbolos e legendas deste guia

Risco de extinção

Nesta publicação a categorização do grau de ameaça de extinção das espécies levou em consideração a Lista da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção, a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), bem como a Portaria 444/2014 do Ministério de Meio Ambiente e a Resolução Estadual 002/2011 do Consema.

As seguintes categorias foram usadas:



Extinta (EX): não existe nenhuma razão para duvidar que o último indivíduo da espécie não esteja morto.

Extinta na Natureza (EW): espécies conhecidas por sobreviver somente fora do ambiente natural, em cativeiros, por exemplo.

Criticamente em Perigo (CR): enfrentando risco extremamente alto de extinção na natureza.

Em Perigo (EN): enfrentando risco alto de extinção na natureza.

Vulnerável (VU): enfrentando risco de extinção na natureza.

Quase Ameaçada (NT): perto de ser qualificada numa categoria de ameaça.

Pouco Preocupante (LC): população estável sem risco de enfrentar a extinção num futuro próximo.

Alimentação

Os hábitos alimentares das aves são variados e, por conta disso, a anatomia desses animais é variada. O bico, como vimos anteriormente, é uma característica dessa classe, também variada de espécie para espécie, adaptada naturalmente para sua correta alimentação.

Graças à sua adaptação a diferentes alimentos, as aves evoluíram para se adaptar a uma incrível diversidade de ambientes e estilos de vida.

Herbívoro: alimentação baseada em plantas, como folhas, brotos e caules.

Invertebrados Terrestres: preferência por pequenos invertebrados, como larvas, crustáceos e minhocas.

Frugívoro: seletividade por frutos, geralmente carnosos.

Onívoro: não é seletivo na alimentação e/ou apresenta dieta variada.

Saprófago/detritívoro: alimenta-se de matéria orgânica em decomposição.

Granívoro: alimentação baseada em sementes.

Carnívoro: tem a carne como principal alimento.

Nectarívoro: a alimentação é baseada no néctar encontrado nas flores.

Piscívoro: baseia a alimentação em peixes.

INHAMBUGUAÇU

Crypturellus obsoletus

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Tinamiformes

FAMÍLIA
Tinamidae (Gray, 1840)

AMBIENTE
Mata primária e secundária

TAMANHO MÉDIO
28 - 32 cm

DIETA
Invertebrados terrestres
Granívoro
Herbívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Ocorre nos estados brasileiros da Bahia (extremo sul) ao Rio Grande do Sul.

As fêmeas em geral são um pouco maiores e apresentam coloração de tonalidade mais avermelhada. No Brasil, se reproduz em agosto e setembro. Os ovos são postos no solo, entre dois e três, que são rosa-púrpura. O macho incuba os ovos num período médio de 19 dias e cria os filhotes.

JACUGUAÇU

Penelope obscura

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Galliformes

FAMÍLIA
Cracidae (Rafinesque, 1815)

AMBIENTE
Matas secundárias, capoeiras, plantações e matas de galeria

TAMANHO MÉDIO
Entre 68 e 75cm

DIETA
Invertebrados terrestres
Granívoro
Herbívoro
Frugívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Também conhecido como jacu-velho (no Rio Grande do Sul), jacuaçu, jacu ou jacupixuna. O desmatamento e a caça indiscriminada reduziram drasticamente a população dessa espécie. É um exímio dispersor de grandes sementes, como as do butiá.

Tem uma vocalização impressionante: "*oaao*" rouco; melodioso "*o,o,o*" ascendente; forte latido "*wáu; gaak*" (Sick).

URU

Odontophorus capueira

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Galliformes

FAMÍLIA
Odontophoridae (Gould, 1844)

AMBIENTE
Clareiras de áreas de florestas primárias ou em bom estado de conservação

TAMANHO MÉDIO
24 cm

DIETA
Invertebrados terrestres
Granívoro
Frugívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Vive junto ao solo das florestas mais densas e escuras, onde é vista aos pares ou em grupos familiares de 15 ou mais indivíduos, que são territoriais e agressivos com os bandos vizinhos (localmente comum).

Sua plumagem rajada, com tons de cinza, marrom e laranja, ajudam na camuflagem no solo da floresta. Podem ser aproveitadas as tocas escavadas por tatus para construir os ninhos, onde a ave choca cinco ovos ou mais.

POMBA-ASA-BRANCA

Patagioenas picazuro

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Columbiformes

FAMÍLIA
Columbidae (Leach, 1820)

AMBIENTE
Campos com árvores, áreas urbanas, cerrados, caatingas e florestas de galeria

TAMANHO MÉDIO
Entre 28 e 32 cm

DIETA
Granívoro
Frugívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Voa longas distâncias e a grandes altitudes. Pode nidificar em todos os meses do ano, e pode reutilizar o mesmo ninho mais de 30 vezes quando feito em muros de casas. Após o período reprodutivo associa-se em bandos, executando migrações.

A espécie inspirou Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira a compor uma das mais conhecidas canções populares, Asa Branca.

ALMA-DE-GATO

Piaya cayana

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Cuculiformes

FAMÍLIA
Cuculidae (Leach, 1820)

AMBIENTE
Matas ciliares, matas secundárias, capoeiras, parques e bairros arborizados

TAMANHO MÉDIO
50 cm contando a cauda

DIETA
Invertebrados terrestres
Frugívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Apresentam plumagem ferrugínea nas partes superiores, peito acinzentado, ventre escuro, cauda longa, escura e com as pontas das retrizes claras, bico amarelo e íris vermelha.

Sua cauda excepcionalmente grande a torna inconfundível, a não ser na Amazônia, onde existem duas outras espécies próximas.

ANU-BRANCO

Guira guira

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Cuculiformes

FAMÍLIA
Cuculidae (Leach, 1820)

AMBIENTE
Campos, lavouras e ambientes mais abertos

TAMANHO MÉDIO
Entre 36 e 42 cm

DIETA
Granívoro
Piscívoro
Frugívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

A alimentação é essencialmente carnívora, gafanhotos, percevejos, aranhas. Predam também lagartas peludas e urticantes, lagartixas, camundongos, rãs e filhotes de outras aves.

É uma espécie sem dimorfismo sexual (diferenças morfológicas entre a fêmea e macho), e apresenta o cheiro do corpo forte e característico, perceptível para nós a vários metros e capaz de atrair morcegos hematófagos e outros animais carnívoros.

ANU-PRETO

Crotophaga ani

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Cuculiformes

FAMÍLIA
Cuculidae (Leach, 1820)

AMBIENTE
Paisagens abertas com moitas e capões entre pastos e jardins

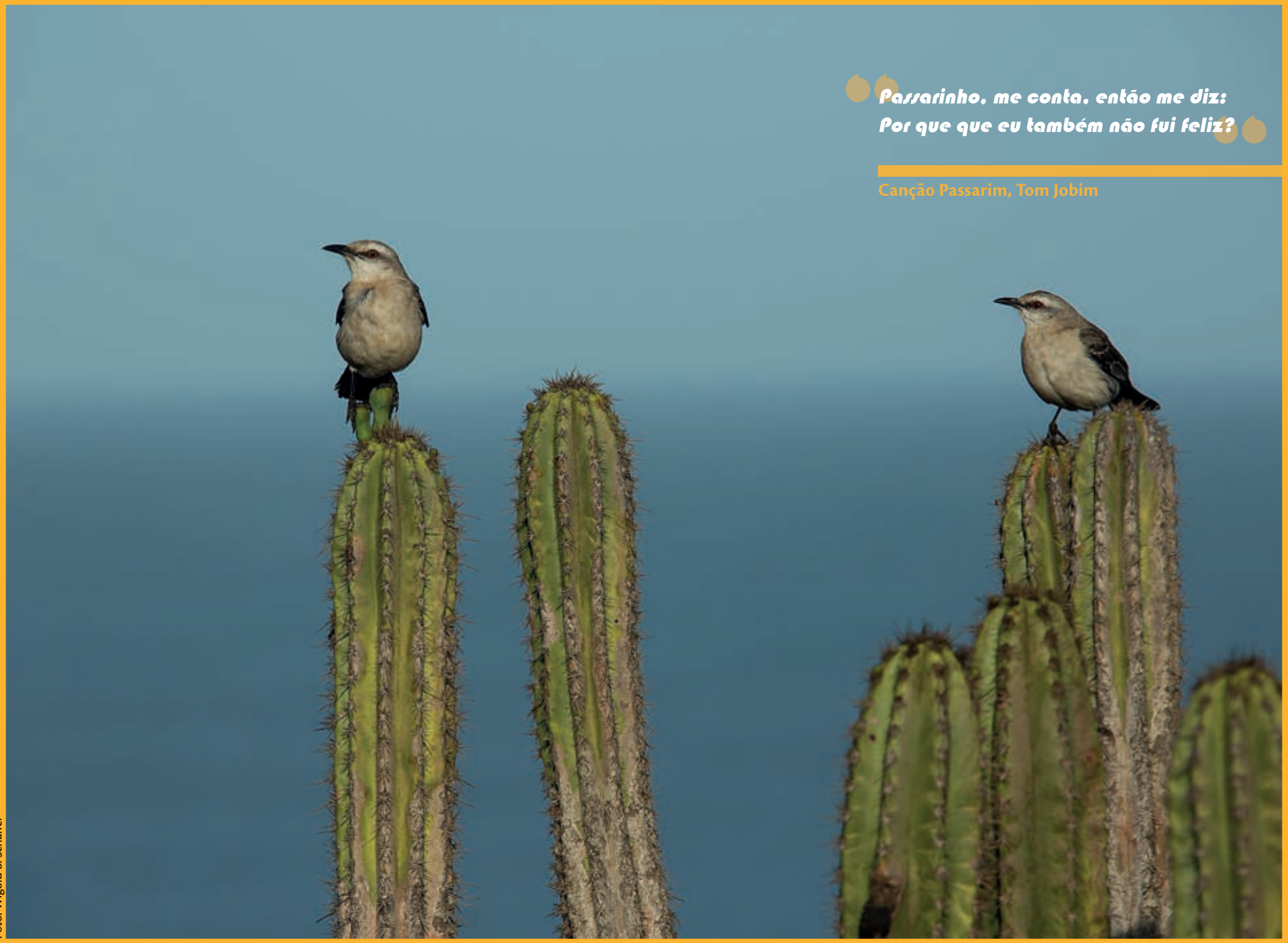
TAMANHO MÉDIO
Entre 35 e 36 cm

DIETA
Invertebrados terrestres
Granívoro
Frugívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Sua refeição favorita são os ortópteros (gafanhotos). Às vezes apanha insetos em pleno voo, capturando também pequenas cobras e rãs. Frequentemente segue tratores que aram os campos.

Os ovos das fêmeas do anu-preto perfazem 14% do peso de seu corpo. São de cor azul-esverdeada, cobertos por uma crosta calcária, raspada sucessivamente pelo processo de virá-los durante a incubação. O anu-preto costuma trazer comida quando visita a fêmea no ninho.



Passarinho, me conta, então me diz:
Por que que eu também não fui feliz?

Canção Passarim, Tom Jobim

Foto: Wigold B. Schäffer

BEIJA-FLOR-DE-FRONTE-VIOLETA

Thalurania glaucopis

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Apodiformes

FAMÍLIA
Trochilidae (Vigors, 1825)

AMBIENTE
Florestas altas, capoeiras e jardins

TAMANHO MÉDIO
11,1 cm

DIETA
Nectarívoro
Invertebrados terrestres

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Durante cerimônias nupciais, o macho executa ao redor da fêmea, pousada, voos semicirculares enquanto exibe o vértice e peito iridescente. Reproduz de setembro a fevereiro. Seu ninho tem a forma de uma tigela e é feito de fibras de plantas macias e painas. Põe geralmente 2 ovos brancos, com um período de incubação de 15 dias, que é feito pela fêmea.

Ocorre da Bahia e Minas Gerais ao Rio Grande do Sul, e é encontrado também no Uruguai, Paraguai e Argentina.

BEIJA-FLOR-DE-TOPETE-AZUL

Stephanoxis loddigesii

Foto: Gustavo Malacco

ORDEM
Apodiformes

FAMÍLIA
Trochilidae (Vigors, 1825)

AMBIENTE
Vegetação arbustiva e matas ciliares

TAMANHO MÉDIO
8,5 cm

DIETA
Nectarívoro
Invertebrados terrestres

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

É comumente avistado na vegetação arbustiva e nas matas ciliares dos campos de altitude ou em beiradas das matas da região Sul; aparece em áreas parcialmente desmatadas, mas desaparece de áreas com intensa agricultura.

Ocorre na região Sul do Brasil, e também na Argentina e no Paraguai.

BEIJA-FLOR-DE-PAPO-BRANCO

leucochloris albicollis

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Apodiformes

FAMÍLIA
Trochilidae (Vigors, 1825)

AMBIENTE
Grandes altitudes, como Serra Catarinense, Serra Gaúcha, Campos do Jordão e Serra do Mar

TAMANHO MÉDIO
10 cm

DIETA
Nectarívoro
Invertebrados terrestres

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

O papo-branco é um beija-flor robusto, fácil de identificar por ter garganta e o peito brancos, separados por uma faixa verde.

É uma espécie migratória, que parece descer a Serra do Mar com a chegada do frio, subindo de novo para o planalto na primavera. No entanto, essas migrações altitudinais não foram bem estudadas até o momento.

BEIJA-FLOR-PRETO

Florisuga fusca

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Apodiformes

FAMÍLIA
Trochilidae (Vigors, 1825)

AMBIENTE
Clareiras de áreas de florestas primárias ou em bom estado de conservação

TAMANHO MÉDIO
12,6 cm

DIETA
Nectarívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Foi descoberto recentemente, por pesquisadores dos EUA e do Brasil, que a espécie em questão canta em frequência ultrassônica, algo inédito na classe das aves.

A confecção do ninho também é inusitada: utiliza teias de aranha e de sementes com paina para tecer seus ninhos, em forma de uma pequena tigela e fixado com fios na vegetação.

BEIJA-FLOR-RUBI

Heliodoxa rubricauda

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Apodiformes

FAMÍLIA
Trochilidae (Vigors, 1825)

AMBIENTE
Habita o interior da mata, jardins arborizados e bananais

TAMANHO MÉDIO
Entre 10,8 e 11,3 cm

DIETA
Nectarívoro
Invertebrados terrestres

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Esta espécie é muitas vezes é encontrada junto a aglomerações de brinco-de-princesa (*Fuchsia sp.*) nas regiões serranas. Devido ao hábito de se alimentar do néctar secretado por flores de várias espécies de plantas, os beija-flores ocupam um lugar importante nas comunidades das quais fazem parte, agindo como polinizadores. Além do néctar das plantas, os beija-flores consomem insetos, que são capturados em pleno voo. Territorialista, não permite que outros pássaros (exceto o parceiro) e até insetos polinizadores se aproximem das suas fontes de alimentação, geralmente uma ou mais flores.

RABO-BRANCO-DE-GARGANTA-RAJADA

Phaethornis eurynome

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Apodiformes

FAMÍLIA
Trochilidae (Vigors, 1825)

AMBIENTE
Florestas úmidas do Brasil oriental, em particular nos estratos inferiores da Mata Atlântica e capoeiras ao redor

TAMANHO MÉDIO
Entre 15,5 e 16 cm

DIETA
Nectarívoro
Invertebrados terrestres

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Parece que "trafega" por picadas e estradas abertas no interior das florestas densas onde vive, assustando observadores com sua aparição súbita, frequentemente desviando-se no último instante. Visto geralmente de forma isolada, é incomum ver mais de um indivíduo ao mesmo tempo.

É muito comum ser registrado alimentando-se das inflorescências de bromélias.

Porque tudo que eu tenho é o seu amor
João de Barro, eu te entendo agora

Canção João de Barro, Maria Gadú

Foto: Wigold B. Schäffer

SARACURA-DO-MATO

Aramides saracura

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Gruiformes

FAMÍLIA
Rallidae (Rafinesque, 1815)

AMBIENTE
Matas secundárias e capoeiras alagadas, muitas vezes na beira de rios

TAMANHO MÉDIO
Entre 34 e 37 cm

DIETA
Invertebrados e/ou material vegetal
Invertebrados Terrrestres
Onívoros

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Possui uma certa semelhança com outras espécies de seu gênero (Aramides) e pode ser visualmente confundida com outras três espécies: a saracura-três-potes (*Aramides cajaneus*), a saracura-do-mangue (*Aramides mangle*) e a saracuruçu (*Aramides ypecaha*). A diferença visual mais clara entre as quatro espécies é a extensão das partes acinzentadas e de cor de telha no corpo dessas aves.

É a espécie de saracura mais comum nas matas serranas do sudeste do Brasil, e a única em maiores altitudes.

SARACURA-SANÃ

Pardirallus nigricans

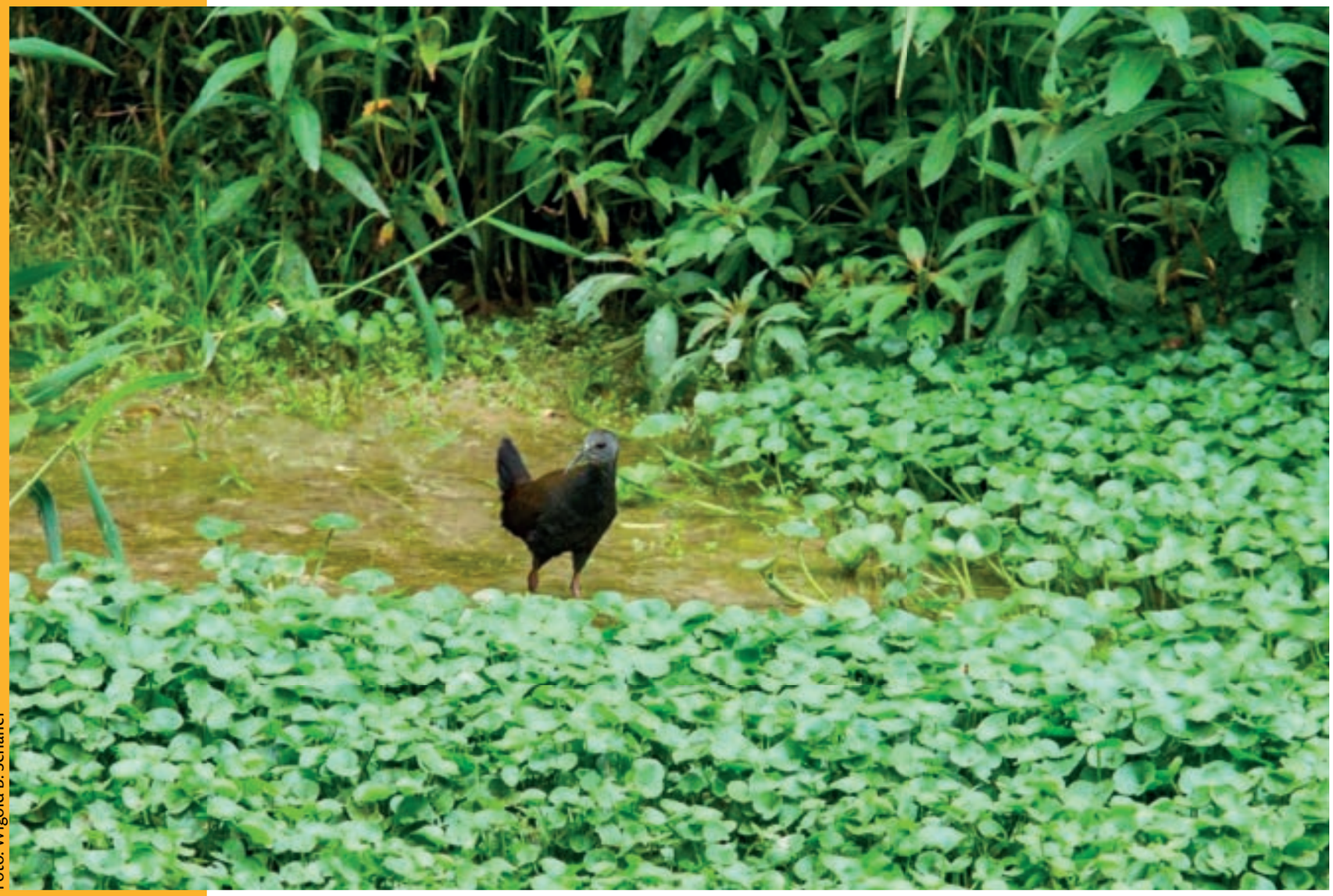


Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Gruiformes

FAMÍLIA
Rallidae (Rafinesque, 1815)

AMBIENTE
Alagados, pântanos, lagos com gramíneas, taboais e campos de arroz

TAMANHO MÉDIO
30 cm

DIETA
Invertebrados e/ou material vegetal
Invertebrados terrrestres
Onívoros

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Se adapta bem em áreas antropizadas. A espécie também é conhecida pelos nomes de franguinho-d'água (Rio Grande do Sul), cambonje, cambonja, saracura-de-bico-verde (Sul de MG) e saracura-preta.

No Brasil, está presente da Paraíba o Rio Grande do Sul.

GARÇA-VAQUEIRA

Bubulcus ibis

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Pelecaniformes

FAMÍLIA
Ardeidae (Leach, 1820)

AMBIENTE
Campos secos, áreas abertas com árvores esparsas, capinzais e pastos artificiais

TAMANHO MÉDIO
Entre 48 e 53 cm

DIETA
Insetívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Sua aparência modifica-se quando em plena condição de reprodução: o bico curto torna-se laranja-avermelhado com a ponta amarela, o olho muda de amarelo para avermelhado e as pernas apresentam coloração rosada (embora inicialmente elas possam ser amarelas). A plumagem não reprodutiva é completamente branca, seu bico curto é amarelo e suas pernas apresentam coloração esverdeada escura.

Alcança uma longevidade de 15 anos.

CURICACA

Theristicus caudatus

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Pelecaniformes

FAMÍLIA
Threskiornithidae (Poche, 1904)

AMBIENTE
Campos secos, alagados e pastagens

TAMANHO MÉDIO
Entre 46 e 54 cm

DIETA
Invertebrados terrestres
Pequenos vertebrados terrestres

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Possui duas subespécies reconhecidas: *Theristicus caudatus caudatus* (Boddaert, 1783) e *Theristicus caudatus hyperorius* (Todd, 1948).

Distinguível pela coloração clara, asas largas e bico longo e curvo. Apresenta o dorso cinzento-claro, com brilho esverdeado; parte das coberteiras superiores das asas é esbranquiçada, formando uma mancha clara no lado superior da asa, visível durante o voo. É um dos poucos predadores que não se incomodam com as toxinas liberadas pelo sapo (*Bufo granulosus*), que pode fazer parte de sua dieta.

TAPICURU

Phimosus infuscatus

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Pelecaniformes

FAMÍLIA
Threskiornithidae (Poche, 1904)

AMBIENTE
Brejos, margens de rios, banhados e campos recentemente arados

TAMANHO MÉDIO
Entre 46 e 54 cm

DIETA
Invertebrados terrestres
Insetívoro
Granívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Possui um longo e característico bico, o qual varia de um amarelo alaranjado até o amarelo vivo, cores que contrastam com o corpo negro. O formato auxilia na alimentação, baseada em crustáceos, moluscos, caranguejos e inclusive matéria vegetal (sementes e folhas). Procura alimento na água rasa usando o bico para isso, caminhando lentamente.

Quem eu sou, a minha verdade
Sou passaro noturno, quer ser meu par?

Canção Pássaro Norturno, Simone e Simaria

Foto: Wigold B. Schäffer

URUBU-REI

Sarcoramphus papa

Foto: Gustavo Malacco

ORDEM
Cathartiformes

FAMÍLIA
Cathartidae (Lafresnaye, 1839)

AMBIENTE
Florestas com clareiras (campos, pastagens) e florestas subjacentes a paredões rochosos ou áreas montanhosas, distantes de centros urbanos

TAMANHO MÉDIO
Entre 170 e 198 cm de envergadura

DIETA
Saprófago/detritívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Sua dieta é estritamente carnívora, mas não se alimenta de animais vivos, salvo se estiver faminto e a presa estiver agonizando. Como consumidor de carne em putrefação, desempenha importante papel saneador, eliminando matérias orgânicas em decomposição.

É imune, aparentemente, ao botulismo. O suco gástrico dos urubus é bioquimicamente tão ativo que neutraliza as toxinas cadavéricas e bactérias, eliminando perigos posteriores de infecção.

GAVIÃO-TESOURA

Elanoides forficatus

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Accipitriformes

FAMÍLIA
Accipitridae (Vigors, 1824)

AMBIENTE
Bordas de florestas e campos

TAMANHO MÉDIO
Entre 52 e 66 cm de comprimento e envergadura entre 120 e 135 cm

DIETA
Carnívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Alimenta-se de aves, pequenos lagartos, serpentes arborícolas e lagartas. Ocasionalmente realiza voos rasantes em rios e lagos com o objetivo de capturar pequenos invertebrados como libélulas, rãs e outros animais encontrados na superfície da água. Também captura invertebrados em voo com os pés, levando ao bico em pleno voo.

Possui duas subespécies: *Elanoides forficatus forficatus* (Linnaeus, 1758) e *Elanoides forficatus yetapa* (Vieillot, 1818).

GAVIÃO-PEGA-MACACO

Spizaetus tyrannus

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Accipitriformes

FAMÍLIA
Accipitridae (Vigors, 1824)

AMBIENTE
Clareiras e bordas de florestas primárias e secundárias

TAMANHO MÉDIO
Entre 58 e 66 cm

DIETA
Carnívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Faz o ninho no alto das árvores com gravetos. A fêmea bota em média 2 ovos, que são chocados por cerca de 40 dias. Os filhotes deixam o ninho após 80 a 90 dias. Como acontece com outras águias tropicais, o desenvolvimento do gavião-pega-macaco é lento e esta espécie normalmente nidifica uma vez a cada dois ou três anos. Seu ninho é predado por macacos.

Alimenta-se de mamíferos, aves e répteis, tirados em grande parte das árvores da floresta. Comumente escolhe um poleiro preferido de onde detecta suas presas antes do ataque.

CORUJA-LISTRADA

Strix hylophila

Foto: Gustavo Malacco

ORDEM
Strigiformes

FAMÍLIA
Strigidae (Leach, 1820)

AMBIENTE
Floresta primária, mata secundária e plantações ativas ou abandonadas de pinheiros. Matas temperadas, florestas de montanha e mata tropical perenifólia de baixada com sub-bosque

TAMANHO MÉDIO
Entre 32 e 38 cm

DIETA
Carnívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
NT

O período de reprodução se inicia entre os meses de agosto e outubro, nidificando em troncos e ocos de árvores, recurso que não é muito frequente e pelo qual as corujas competem com uma série de outros animais. Põe de 2 a 3 ovos que têm um período de incubação de 29 dias em média, com os filhotes já totalmente independentes com cerca de 4 meses. Devido à destruição de seus habitats é considerada como quase ameaçada de extinção, devido à drástica redução dos remanescentes de mata atlântica, a coruja listrada sofreu uma retração acentuada em suas áreas de distribuição.

MURUCUTUTU-DE-BARRIGA-AMARELA

Pulsatrix koeniswaldiana

Foto: Gustavo Malacco

ORDEM
Strigiformes

FAMÍLIA
Tytonidae (Mathews, 1912)

AMBIENTE
Florestas úmidas primárias ou secundárias e suas bordas

TAMANHO MÉDIO
Entre 37 e 54,4 cm

DIETA
Carnívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Essa espécie tem um colar largo da mesma cor e o ventre é de cor amarelada (dando origem a seu nome comum). Caça somente durante a noite, procurando por insetos grandes, aranhas, répteis, anfíbios, aves dormindo e especialmente roedores e outros mamíferos de pequeno e médio porte.

Habitualmente passa o dia empoleirada, solitária ou em casais, abaixo do dossel da mata. Pode ser encontrada de dia em meio a touceiras de bambu, em galhos de embaúba ou em folhas de palmiteiro, geralmente perto de cursos de água. É relativamente fiel aos poleiros de descanso diurno.

SUINDARA

Tyto alba

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Strigiformes

FAMÍLIA
Tytonidae (Mathews, 1912)

AMBIENTE
Ocorre em todo Brasil em altitudes até 3500 metros de altitude

TAMANHO MÉDIO
Entre 33 e 38 cm

DIETA
Carnívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

De hábitos noturnos, prefere presas vivas, alimentando-se principalmente de ratos, sejam silvestres, sejam espécies introduzidas de fora das Américas. É avistada voando durante o dia apenas quando afugentada de seu poleiro de descanso, que pode ser em folhas de palmeiras, bananeiras, galhos de outras árvores ou sob telhados em construções.

SURUCUÁ-DOURADO

Togon chrysochloros

Foto: Gustavo Malacco

ORDEM
Trogoniformes

FAMÍLIA
Trogonidae (Lesson, 1828)

AMBIENTE
Matas primárias e secundárias de áreas montanhosas

TAMANHO MÉDIO
Entre 23 e 26 cm

DIETA
Insetívoro
Frugívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
Dados insuficientes

Com uma dieta basicamente insetívora, segue bandos mistos ou grupos de macacos para capturar os louva-a-deus (Mantidae), gafanhotos e esperanças, besouros e grandes artrópodes, servindo-se também de uns poucos frutos.

Ocorre com abundância na Mata Atlântica do Sul e Sudeste, também para o sul da Bahia e alguns registros para o Mato Grosso do Sul.

SURUCUÁ-VARIADO

Trogon surrucura

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Trogoniformes

FAMÍLIA
Trogonidae (Lesson, 1828)

AMBIENTE
Matas e cerrados

TAMANHO MÉDIO
Entre 26 e 28 cm

DIETA
Invertebrados terrestres
Frugívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

É um pássaro quieto que passa longos períodos de descanso em um poleiro, e seu canto pode ser ouvido durante todo o dia. O bico é curto e robusto, na cor marfim manchado com tons cinza esverdeados. O ninho é geralmente construído alto o suficiente em uma árvore oca, muitas vezes em cupinzeiros arborícolas. A fêmea põe de 2 a 4 ovos brancos. A incubação dura entre 16 e 19 dias e é incubado por ambos os pais. Os jovens são alimentados pelo casal e deixam o ninho após um período em torno de 20 dias.

É coisa de passarinho
Que voa em céu tropical.
Cantar, pensar que é seu canto
Que traz o sol pro quintal

Canção Alegria das Aves, Toquinho

Foto: Wigold B. Schäffer

BENEDITO-DE-TESTA-AMARELA

Melanerpes flavifrons

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Piciformes

FAMÍLIA
Picidae (Leach, 1820)

AMBIENTE
Restinga, plantações, pomares, palmitais, matas secundárias e capoeiras (entre 0 e 1800 metros)

TAMANHO MÉDIO
19,5 cm

DIETA
Frugívoro
Insetívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Alimenta-se principalmente de frutas, como o mamão, laranja, banana, abacate, embaúba, caruru, etc e de sementes, mas come também insetos e suas larvas. Para lamber frutas moles, utiliza sua língua comprida e móvel. Tem o costume de estocar comida em buraquinhos, naturais ou que ele próprio perfura, no tronco de árvores.

É extremamente sociável, sendo que alguns indivíduos associam-se para dormir num mesmo abrigo.

PICAPAUZINHO-DE-COLEIRA

Picumnus temminckii

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Piciformes

FAMÍLIA
Picidae (Leach, 1820)

AMBIENTE
Qualquer local onde haja árvores, contanto que a mata não seja muito densa

TAMANHO MÉDIO
9 cm

DIETA
Insetívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

A espécie também é conhecida como pica-pau-anão-de-pescoço-castanho e pica-pau-anão-de-coleira.

Seu tamanho reduzido o permite alcançar pequenos ramos que outros pica-paus não alcançariam e é nesses ramos finos que encontra os insetos e larvas dos quais se alimenta.

PICAPAUZINHO-VERDE-CARIJÓ

Veniliornis spilogaster

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Piciformes

FAMÍLIA
Picidae (Leach, 1820)

AMBIENTE
Cidades, zonas rurais, pastos sujos, capoeiras, matas secas, bordas de Mata Atlântica

TAMANHO MÉDIO
Entre 16 e 19,5 cm

DIETA
Frugívoro
Insetívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Pesa entre 35 e 45 gramas. Alimenta-se de insetos e suas larvas, principalmente de besouros. Para encontrar seu alimento, bate ligeiramente sobre a casca de madeira, tentando localizar alguma cavidade que contenha insetos. Come também frutas como abacate, caqui e a do pau-pólvora (*Trema micrantha*).

É agressivo, quando apanhado pelo homem defende-se a bicadas, com as mandíbulas entreabertas, deixando duas perfurações na mão de quem o segura. Costuma dormir em buracos o ano todo.

PICA-PAU-DE-BANDA-BRANCA

Dryocopus lineatus

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Piciformes

FAMÍLIA
Picidae (Leach, 1820)

AMBIENTE
Bordas de florestas altas, capoeiras, cerrados, campos e plantações com árvores esparsas

TAMANHO MÉDIO
33 cm

DIETA
Insetívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Vive solitário ou aos pares, arrancando a casca e “martelando” troncos e galhos maiores em busca de insetos, tanto em árvores vivas como mortas.

Dormem sempre em ocos, onde também se abrigam da chuva pesada; alguns elaboram cavidades que servem para dormir.

PICA-PAU-DO-CAMPO

Colaptes campestris

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Piciformes

FAMÍLIA
Picidae (Leach, 1820)

AMBIENTE
Campos e cerrados

TAMANHO MÉDIO
32 cm

DIETA
Insetívoro
Frugívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

A secreção de sua glândula mandibular é como uma cola que faz com que a língua funcione como uma vara de fisgo para capturar os insetos. Eventualmente pode-se alimentar de pequenos frutos, especialmente quando há abundância durante o período de frutificação.

Os ninhos são bastante elaborados, e em muitos casos, construídos a cada período reprodutivo. Preferem cavar a face do barranco que se inclina para o solo, o que facilita a proteção quanto à chuva e a defesa de entrada.

PICA-PAU-DOURADO

Piculus aurulentus

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Piciformes

FAMÍLIA
Picidae (Leach, 1820)

AMBIENTE
Interior e bordas da Mata Atlântica (de 750 a 2000m de altitude), matas mesófilas, matas ciliares e florestas com araucárias

TAMANHO MÉDIO
Entre 21 e 22 cm

DIETA
Insetívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
NT

Alimenta-se de larvas de insetos, escondidos sob a madeira.

Ocorre na Mata Atlântica, do Rio Grande do Sul até Minas Gerais. Ainda é possível encontrar esta espécie nos remanescentes de florestas mais longe de sua área de ocorrência atual, pois antes, quando a Mata Atlântica era mais extensa, sua ocorrência original também era.

PICA-PAU-REI

Campephilus robustus

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Piciformes

FAMÍLIA
Picidae (Leach, 1820)

AMBIENTE
Matas e capoeiras serranas, floresta com araucárias

TAMANHO MÉDIO
36 cm

DIETA
Insetívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

É considerado o maior pica-pau do Brasil, com peso médio de 200 gramas. De rara beleza, possui a cabeça e o pescoço vermelhos, dorso creme, asas e cauda negras.

Assim como as demais espécies de pica-pau. *C. robustus* possui um canto territorial, diversos tipos de chamados e uma música instrumental, o "tamborilar". Ela é executada através de repetidos golpes do bico sobre a superfície de troncos secos ou ocos.

CUIÚ-CUIÚ

Pionopsitta pileata

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Psittaciformes

FAMÍLIA
Psittacidae (Rafinesque, 1815)

AMBIENTE
Ecossistemas da Mata Atlântica em geral

TAMANHO MÉDIO
22 cm

DIETA
Frugívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

São naturalmente pouco ariscos em relação à presença humana.

O casal vive unido e permanece assim a vida inteira, como outros psitacídeos. Faz seu ninho no oco de árvores, onde a fêmea põe de 3 a 4 ovos e os choca por 24 dias, enquanto o macho cuida de sua alimentação durante todo o período de incubação.

MAITACA-VERDE

Pionus maximiliani

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Psittaciformes

FAMÍLIA
Psittacidae (Rafinesque, 1815)

AMBIENTE
Regiões florestais

TAMANHO MÉDIO
Entre 24 e 28 cm

DIETA
Frugívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Alimenta-se preferencialmente de frutas pequenas, mas também come frutos grandes, sementes e castanhas. Costuma equilibrar-se nos galhos, ficando de cabeça para baixo enquanto come.

Desloca-se geralmente em bandos de 10 a 40 indivíduos.

TIRIBA-DE-TESTA-VERMELHA

Pyrrhura frontalis

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Psittaciformes

FAMÍLIA
Psittacidae (Rafinesque, 1815)

AMBIENTE
Regiões florestais

TAMANHO MÉDIO
Entre 24 e 28 cm

DIETA
Frugívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Pesa entre 72 e 94 gramas.

Suas penas são predominantemente verdes. Fronte, abdômen e face inferior da cauda de cor vermelha. Não possui diferenças externas aparentes entre machos e fêmeas.

Assim como muitas outras espécies da família, vive em bandos.

Andorinha voa feliz
Tem mais força que minha mão
Mas sozinha não faz verão

Canção Voa Bicho, Milton Nascimento

Foto: Wigold B. Schäffer

ANAMBÉ-BRANCO-DE-RABO-PRETO

Tityra cayana

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Passeriformes

FAMÍLIA
Tityridae (Gray, 1840)

AMBIENTE
Copa e nas bordas de florestas úmidas, capoeiras, florestas de galeria, clareiras com árvores esparsas e plantações

TAMANHO MÉDIO
Entre 20 e 22 cm

DIETA
Insetívoro
Frugívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Vive aos pares, em pequenos grupos espalhados e, com menor frequência, solitário. É agressivo e raramente observado junto a outras aves. Faz ninho em cavidades de troncos mortos ou em buracos de pica-paus, forrando-o com folhas e pequenos gravetos.

Possui duas subespécies reconhecidas: *Tityra cayana cayana* (Linnaeus, 1766) e *Tityra cayana braziliensis* (Swainson, 1837).

ARAPAÇU-DE-GARGANTA-BRANCA

Xiphocolaptes albicollis

Foto: Gustavo Malacco

ORDEM
Passeriformes

FAMÍLIA
Dendrocolaptidae (Gray, 1840)

AMBIENTE
Floresta com araucárias, capoeira, mata mesófilas e matas de galeria

TAMANHO MÉDIO
Entre 27,5 e 33 cm

DIETA
Invertebrados terrestres
Pequenos vertebrados terrestres

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Apresenta um bico negro brilhante, um tanto longo e curvo, garganta branca pura e ausência de estriação creme nas costas.

Canto bem característico e de longo alcance, mais ouvido no nascer e no pôr do sol, é uma série pausada e descendente de notas penetrantes, cada uma precedida por um leve soluço, e que soam como "*luzia, luzia, luzia, luzia*" daí vem o seu outro nome comum: Arapaçu-luzia.

COROCOXÓ

Carpornis cucullata

Foto: Gustavo Malacco

ORDEM
Passeriformes

FAMÍLIA
Cotingidae (Bonaparte, 1849)

AMBIENTE
Florestas em regiões montanhosas

TAMANHO MÉDIO
23,5 cm

DIETA
Frugívoro
Invertebrados terrestres

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Seu nome popular é onomatopeico, resultante do canto emitido em longos intervalos, o qual é um dos mais característicos das florestas onde vive. Há divergências sobre a origem indígena do nome, por isso ora ele é grafado com “x” e ora é grafado com “ch”.

Espécie endêmica do Brasil.

FLAUTIM

Schiffornis virescens

Foto: Gustavo Malacco

ORDEM
Passeriformes

FAMÍLIA
Tityridae (Gray, 1840)

AMBIENTE
Florestas úmidas, matas mesófilas e floresta com araucárias

TAMANHO MÉDIO
15,5 cm

DIETA
Insetívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Em campo, distingue-se o anel ocular claro, corpo verde-oliva, asa e cauda pardas "marrom".

Alimenta-se de frutos e insetos empoleirando-se com frequência em galhos verticais próximos à serrapilheira.

LIMPA-FOLHA-DE-TESTA-BAIA

Dendroma rufa

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Passeriformes

FAMÍLIA
Furnariidae (Gray, 1840)

AMBIENTE
Desde matas de baixa encosta até as matas no alto da montanha

TAMANHO MÉDIO
Entre 18 e 19 cm

DIETA
Invertebrados terrestres
Insetívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Percorre o interior das matas dependurando-se sob folhas e galhos em busca de alimentos, como artrópodes, insetos e larvas.

Possui sete subespécies reconhecidas e elas apresentam pequenas variações na plumagem.

MATRACÃO

Batara cinerea

Foto: Gustavo Malacco

ORDEM
Passeriformes

FAMÍLIA
Thamnophilidae (Swainson, 1824)

AMBIENTE
Emaranhados densos das soqueiras de bambu

TAMANHO MÉDIO
34 cm

DIETA
Pequenos vertebrados terrestres

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Sua alimentação é baseada na captura de pequenos vertebrados como anuros, roedores, filhotes de aves, lagartos, cobras, grandes artrópodes e caracóis terrestres.

A espécie é encontrada mais frequentemente em encostas íngremes tomadas por samambaias em solos ácidos.

PAPO-BRANCO

Biatas nigropectus

Foto: Gustavo Malacco

ORDEM
Passeriformes

FAMÍLIA
Thamnophilidae (Swainson, 1824)

AMBIENTE
Sub-bosque de florestas úmidas e bordas de florestas, principalmente em áreas com altos bambuzais

TAMANHO MÉDIO
18 cm

DIETA
Invertebrados terrestres

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
VU

Espécie rara, presente apenas em parte do Brasil (no sul de Minas Gerais e Rio de Janeiro, leste de São Paulo, Paraná e nordeste de Santa Catarina) e em pequena área do nordeste da Argentina.

PATINHO

Platyrinchus mystaceus

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Passeriformes

FAMÍLIA
Platyrinchidae (Bonaparte, 1854)

AMBIENTE
Sub-bosque de capoeiras altas e de florestas úmidas em montanhas

TAMANHO MÉDIO
10 cm

DIETA
Insetívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Vive solitário e aparentemente não participa de bandos mistos.

Como é pequeno e vive na vegetação densa, passa facilmente despercebido. Faz ninho em formato de uma xícara pequena, a cerca de 1 metro do chão. Põe 2 ovos branco-amarelados.

Possui nove subespécies reconhecidas.

TORORÓ

Poecilotriccus plumbeiceps

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Passeriformes

FAMÍLIA
Rhynchocyclidae (Berlepsch, 1907)

AMBIENTE
Matas mesófilas, matas secas, matas de galeria, matas ripárias e na Mata Atlântica

TAMANHO MÉDIO
9 cm

DIETA
Insetívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Procura incansavelmente insetos e pequenas larvas sobre as folhagens. Quando a presa é muito grande, bate-a de encontro ao galho como outros tiranídeos.

Emite um canto curioso, do timbre de um sapo ou perereca, em sequências baixas, de agradável efeito sonoro.

TOVACA-CAMPAINHA

Chamaeza campanisona

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Passeriformes

FAMÍLIA
Formicariidae (Gray, 1840)

AMBIENTE
Florestas úmidas ou capoeiras maduras

TAMANHO MÉDIO
20 cm

DIETA
Invertebrados terrestres

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Habita florestas úmidas ou capoeiras maduras, geralmente em montanhas. Vive solitária ou aos pares, no chão ou próximo a este.

Embora seja ouvida com freqüência, é uma espécie normalmente tímida e difícil de ser avistada.

Caminha vagarosamente no chão da floresta, movimentando sua cauda para cima e para baixo.

TREPADORZINHO

Heliobletus contaminatus

Foto: Gustavo Malacco

ORDEM
Passeriformes

FAMÍLIA
Furnariidae (Gray, 1840)

AMBIENTE
Florestas subtropicais ou tropicais úmidas

TAMANHO MÉDIO
Entre 12 e 13 cm

DIETA
Invertebrados terrestres

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Tem uma faixa supraciliar clara que se junta a coleira esbranquiçada, peito esbranquiçado rajado de marrom.

Possui duas subespécies reconhecidas, diagnosticadas pela presença ou ausência de estriações nas costas: *Heliobletus contaminatus contaminatus* (Berlepsch, 1885) e *Heliobletus contaminatus camargoi* (Silva & Stotz, 1992).

TREPADOR-QUIETE

Syndactyla rufosuperciliata

Foto: Gustavo Malacco

ORDEM
Passeriformes

FAMÍLIA
Furnariidae (Gray, 1840)

AMBIENTE
Florestas úmidas, capoeiras, bambuzais e taquarais

TAMANHO MÉDIO
18 cm

DIETA
Invertebrados terrestres
Insetívoro

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Possui a mandíbula levemente virada para cima e o supercílio branco-sujo. Possui cinco subespécies.

Nidifica em cavidades naturais em ninhos de pica-paus e colmos ocos de bambu e ocorre do sudeste ao Sul do Brasil e também na cordilheira do Andes.

VIRA-FOLHA

Sclerurus scansor

Foto: Wigold B. Schäffer

ORDEM
Passeriformes

FAMÍLIA
Scleruridae (Swainson, 1827)

AMBIENTE
Interior de matas serranas, matas de araucária e matas de baixada

TAMANHO MÉDIO
19,5 cm

DIETA
Invertebrados terrestres

ESTADO DE CONSERVAÇÃO
LC

Alimentam-se basicamente de insetos, besouros e larvas caçados junto ao solo no substrato da floresta densa entre as folhas secas ou até mesmo em troncos velhos caídos.

Constrói ninhos em buracos existentes em barrancos a partir dos quais escava uma galeria alargada no final onde prepara um colchão de pecíolos secos bem entrelaçados. Os ovos são de cor branca.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Raiane; CARMO, Sabrina; PARREIRAS, Vinícius (org.). Aves do Inhotim. Brumadinho: Instituto Inhotim, 2021. 256 p.

ANTAS, P.T.Z. & ALMEIDA, A.C. Aves como bioindicadoras de qualidade ambiental: aplicação em áreas de plantio de eucalipto. Espírito Santo: Gráfica Santonio, 2003. 36p.

AVI, R.C. Aves de Laurentino: os caminhos da Associação Ambientalista Pimentão. 2016.

IUCN. IUCN Red List of Threatened Species. 2021. Versão 2021.3 disponível em <www.iucnredlist.org>.

LIMA, L.M. Aves da Mata Atlântica: riqueza, composição, status, endemismos e conservação. 2014. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo (USP). Instituto de Biociências São Paulo.

MARCON, Amanda Perin; VIEIRA, Bianca Pinto. Aves do Parque Ecológico do Corrego Grande. Florianópolis: Edição do Autor, 2017. 138 p.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Portaria número 223, de 17 de dezembro de 2014 - Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção. Brasília. 2014.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Lista das espécies consideradas Quase Ameaçadas (NT) e com Dados Insuficientes (DD) em território brasileiro. 2015. Consulta em: http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/lista-de-especies-dados-insuficientes.html

MITTERMEIER, R.A., GIL, R.P., HOFFMAN, M., PILGRIM, J., BROOKS, T., MITTERMEIER, C.G., LAMOREUX, J. & FONSECA, G.A.B. Hotspots revisited: earth's biologically richest and most endangered terrestrial ecoregions, 2. Ed. University of Chicago Press, Boston. 2005.

MYERS, N.; MITTERMEIER, R. A.; MITTERMEIER C. G.; FONSECA, G. A. B. & KENT, J.. Biodiversity hotspots for conservation priorities. Nature 403: 853-858. 2000.

PARKER, T. A., STOTZ, D. F. & FITZPATRICK, J. W. Ecological and distributional databases. p. 113-436. In: STOTZ, D. F., FITZPATRICK, J. W., PARKER, T. A. & MOSKOVITS, D. K. (eds.) Neotropical birds: ecology and conservation. Chicago, University of Chicago Press, 1996.

PERLO, B. Van. A Field Guide to the Birds of Brazil. Oxford University Press, 465p. 2009.

PACHECO, J.F.; SILVEIRA, L.F.; ALEIXO, A.; AGNE, C.E.; BENCKE, G. A.; BRAVO, G. A.; BRITO, G. R. R.; COHN-HAFT, M.; MAURÍCIO, G.N.; NAKA, L. N.; OLMOS, F.; POSSO, S. R.; LEES, A. C.; FIGUEIREDO, L.F. A.; CARRANO, E.; GUEDES, R. C.; CESARI, E.; FRANZ,I.; SCHUNCK, F.; PIACENTINI, Q. V. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee-second edition. Ornithology Research, v. 29, p. 94-105, 2021.

RIDGELY, R.S. & TUDOR, G. Field Guide to the Songbirds of South America – The Passerines.University of Texas Press. 750p. 2009.

ROSÁRIO, L.A. Aves de Santa Catarina – Banco de Dados da avifauna catarinense. 2021. Disponível em: <http://avesdesantacatarina.com.br/>. Acesso em: 30 Dez 2021.

SANTA CATARINA. Resolução Consema nº 02, de 06 de dezembro de 2011 - Reconhece a Lista Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção no Estado de Santa Catarina e dá outras providências. 2011.

SILVA, Gustavo Bernardino Malacco da. Inventário Avifauna Atalanta, Apremavi (SC). Uberlândia: Edição do Autor, 2022. 72 p. Não publicado.

SIMÕES, Luciana Lopes (org.). Guia de Aves Mata Atlântica paulista: serra do mar e serra de paranapiacaba. São Paulo: Wwf Brasil, 2010. 132 p.

STATTERSFIELD, A.J., CROSBY, M.J., LONG, A.J & WEGE, D.C. Endemic bird areas of the world.Cambridge, U.K: BirdLife International. 1998.

VISSOTO, M. [WA1712162, Mionectes rufiventris Cabanis, 1846]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. 2015. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/1712162> Acesso em: 30 Dez 2021.

WIKIAVES. WikiAves, a Enciclopédia das Aves do Brasil. 2021. Disponível em: <http://www.wikiaves.com.br/>. Acesso em: 30 Dez 2021.

@apremavi